

Este foi o guião de entrevista (semi- estruturada) elaborado inicialmente para a realização de entrevistas a Cecília Menano e Marinela Valsassina. Como se pode constatar no Capítulo IV, todas estas questões foram respondidas pelas interlocutoras. A ordem das perguntas/respostas foi aleatória, como se explicou, tendo as entrevistas tomado um formato livre.

Guião de Entrevista

(Abreviaturas) EPA- Educação pela Arte

APEA – Associação Portuguesa para a Educação pela Arte

1. Quando e como se interessou pela ligação entre arte e educação?
2. Qual a sua formação inicial e complementar?
3. Considera a sua Infância e Juventude como cruciais para o futuro âmbito de ação?
4. Consegue recordar-se de algo, nos seus estudos pedagógicos iniciais, que tenha influenciado a sua futura postura em relação à Educação pela Arte?
5. Visitou escolas no estrangeiro?
6. De que modo é que a sua prática de educação pela arte influenciou a sua ação na escola e a vivência dos seus educandos?
7. Como conheceu a APEA? Qual a sua ligação à APEA e a Alice Gomes?
8. Pensa que foi influenciada pelas novas experiências/projetos educativos que se desenrolavam no mundo ente as décadas de 50-70, ou até antes?
9. Considera-se uma pioneira da EPA?
10. Pensa ter havido retrocessos/mudanças/progressos significativos que alteraram o curso da EPA nos últimos anos?

11. Quais seriam, para si, competências básicas que deveriam ser ou ter sido atendidas pela EPA?
12. Enquanto exerceu publicou – livros, artigos, comunicações em congressos, catálogos, *workshops*, cursos professores, etc. O que motivou essa vontade de divulgação?
13. Consegue descrever algumas das alterações na prática da EPA desde a época em que inicia a sua atividade e o tempo presente?
14. Nos seus anos de EPA sente que contribuiu com novas ideias? Inovou?
15. Conheceu Arno Stern? Herbert Read? Outros pedagogos?
16. Pensa que há um progresso efetivo nas atividades mais recentes da Educação pela Arte?
17. Pode “especular” acerca do que supõe sobre o futuro da Educação pela Arte?
18. Quais as ações nos domínios da Educação para a Inclusão e Formação de Professores que considera mais relevantes no seu percurso?
19. As Técnicas de Expressão plástica , a criação de Ateliers e a organização de Exposições foram as sua principais ações pedagógicas. Conte-nos como tudo começou e se desenvolveu.

Maria Alda Soares Silva, co - autora de livros (cf. Bibliografia) e de catálogos de Exposições em conjunto com Marinela Valsassina, respondeu-nos a algumas destas questões.

Este contributo ilustra o modo como uma professora de Língua Portuguesa, de início com pouca ligação à Educação pela Arte, pode dedicar-se e integrar-se nesta área. (iniciando o seu discurso centrando-se também na Infância e Juventude).

“Educação pela arte-

“ É inevitável, no meu entender, separar a minha formação académica daquilo que foi a minha educação não formal, isto é a que recebi na minha infância, no ambiente familiar onde cresci. E nesse ambiente incluo também os amigos da família a quem atribuo também o papel de educadores, transmissores de valores, de saberes, de sentimentos e de emoções. Uma criança tudo observa, tudo ouve, procura dar sentido até ao que não entende e eu fui uma criança muito atenta, observadora, curiosa.

E é nesse ambiente muito variado, que aprendi que a arte estava presente em quase tudo o que ia aprendendo fora do Colégio. O gosto pela música devo-o principalmente ao meu pai, com um a excelente voz de tenor, que tinha sido músico amador, ao mesmo tempo que também fazia teatro amador. Nasci no final da Segunda Guerra e, desde muito pequena, época de muitas restrições, mas de grande ligação familiar, como divertimentos, frequentava com os meus pais serões em casa de tios e de amigos onde se tocava piano e se cantava. Havia uma professora de piano, executante magistral de Shubert, Chopin, Beethoven. O gosto pela música clássica penso que nasceu aí, pelos meus seis, sete anos.

Para além disso, e ao mesmo tempo, frequentava o atelier de chapéus que minha mãe partilhava com uma modista de alta costura cujas filhas estudavam no Conservatório, na Faculdade de Letras e nas Belas Artes. Era uma casa onde se falava de literatura, pintura, Filosofia, Música, Teatro, frequentada por pessoas que só muito mais tarde eu vim a perceber o que representavam de no panorama português- Ivo Cruz, Nikias Scapinakis, Maria Barroso.

São imagens muito fortes, embora um pouco caóticas .A que se junta o gosto dos meus pais pelo cinema e da minha avó materna pelo teatro. As idas ao Teatro Nacional D. Maria, ao Trindade, ao Monumental, mais tarde, eram frequentes. A par do meu Colégio, o Luso-Francês, muito bom naquela época, por escolha da minha mãe preferindo-o à escola oficial por pretender uma maior qualidade de ensino, foi a família que me abriu as portas para um interesse pelas manifestações artísticas, muito diversificadas.

Frequentei o Liceu Maria Amália onde tive excelentes professoras, e tive oportunidade de pertencer a um grupo coral coma professora Fernanda Losa e de Canto Gregoriano com a Professora Olga Violante. O gosto pela literatura devo-o também à professora Eulália Valente e mais tarde a Maria da Luz Sobral que fazia parte do Grupo Neorealista, embora nós, alunas , só o viéssemos a saber mais tarde.

A minha entrada no Liceu Pedro Nunes em 1957 para o antigo 6º ano do liceu, marcou definitivamente a minha concepção de escola, local onde todos os saberes estão interligados, onde uma comunidade de alunos e professores podiam, para além das aulas, ter outras atividades, teatro, radio, grupo coral. Transcrevo uma passagem de um depoimento que escrevi para um publicação que marcou a nova fase da agora chamada Escola Secundária de Pedro Nunes, em setembro de 2010.

“Relembro o coral masculino, todas as manhãs, antes das aulas, as sessões de música gravada, do jazz aos clássicos, a agitação e o fascínio causados pela vinda da Callas a Lisboa, as exposições de pintura, gravura e desenho, a rádio sempre presente, os ensaios de teatro...”

Na Faculdade de Letras tive também a sorte de ter professores de excelência, David Mourão Ferreira, Jacinto Prado Coelho, Maria de Lourdes Belchior, Vitorino Nemésio, o Padre Manuel Antunes, Lindley Cintra, entre outros e todos eles contribuíram para que eu construísse uma visão globalizante do Saber e o desejo de Saber Fazer, a partir de modelos, quer dos que conheci quer daqueles que fui conhecendo, à medida que estudava também História da Educação, e conhecendo as novas correntes da pedagogia.

Quando entrei como professora para o Colégio Valsassina tive de novo a sorte de conviver com dois grandes mestres que eu conhecia de criança, por laços familiares mas que então me davam a oportunidade de trabalhar junto deles num projeto educativo muito inovador para a época: Frederico e Marinela Valsassina.

O primeiro transmitiu-me o “espírito” Valsassina, a consciência de poder trabalhar num Colégio com História, com espírito de família, muito do que sei sobre gestão pedagógica aprendi com ele, com o seu carisma, sentido de humor, generosidade, sabedoria.

A Marinela foi quem me pôs a par do que era a Associação Portuguesa de Educação pela arte, quem me divulgou bibliografia muito importante como a obra de Herbert Read, a experiência de Sumerhill, Carl Rogers e no plano nacional João dos Santos, Alice Gomes, Arquimedes da Silva Santos, Cecília Menano.

Mas a influência da Marinela foi muito mais profunda observando-a no Atelier, ao fim da tarde, com grupos heterogêneos de alunos, muitos internos.

O Atelier tinha uma atmosfera única. A liberdade que os alunos tinham de experimentar materiais muito diferentes dos usados então nas tradicionais aulas de desenho, a motivação, a abertura à criatividade, à livre crítica, era realmente ver na prática os princípios da educação pela Arte. A Marinela incutia hábitos de organização, de arrumação, sem contudo limitar, cercear a liberdade criadora. Apetecia estar no Atelier. Compreendi bem como alguns alunos ali se sentiam felizes, sobretudo os mais problemáticos, inquietos, inconformistas. E o trabalho era completado com visitas a exposições, colóquios informais com artistas plásticos.

A gravura, o recorte e a colagem, a modelação em barro, o desenho, a pintura, o battik, mas também a criação de fantoches, o jogo dramático, tudo acontecia no atelier.

Pelos finais da década de 60 começámos a fazer várias experiências que aliavam a escrita criativa, também livre, sem filtros que não fosse a correção no uso da língua portuguesa, à expressão plástica. Foram montadas muitas exposições com textos e quadros. Procurávamos combater o cliché, deixar exprimir as emoções e sentimentos num estado quase puro. Tenho a certeza de que as gerações que passaram pelo atelier da Marinela, que descobriram quase ao mesmo tempo o prazer da escrita e da literatura ficaram definitivamente marcadas.

Sabe-se a importância de cada jovem ou criança gostar do que faz, nesse caso a capacidade de concentração e a persistência na realização do que se faz leva a que não se dê pela passagem do tempo. Muitas vezes, no atelier os alunos pareciam não dar pelo tempo, desligados do que os rodeava, presos à procura de uma outra forma, de uma mistura de cores ou lutando contra a dureza do linóleo. Havia crítica, mas nunca negativa nem desencorajadora. Encorajava-se sim a novidade, a solução inesperada, a fuga à cópia.

Não havia líderes, havia diferenças individuais nítidas derivadas das diferenças de idade e da maior ou menor capacidade criativa dos alunos. A Marinela deslocava-se com serenidade por todo o espaço, dando uma opinião aqui, outra ali, sem impor nada para além de deixarem os materiais no seu lugar.

A visibilidade que as exposições e os catálogos (que incluíam pequenos textos poéticos) ganhavam pelos numerosos visitantes, que ultrapassavam os pais e encarregados de educação que vinham à procura dos trabalhos dos seus filhos e educandos era enorme.

As crianças e jovens cujos trabalhos estavam expostos sentiam-se implicadas num acontecimento anual, e havia o apreço, a atenção para o que tinham feito e que pouco ou nada tinha a ver com classificações, notas, porque os trabalhos eram fruto da sua criatividade. “

Maria Alda Soares Silva, Novembro de 2013

“